

meta-Internet

A Internet de hoje representa o início de uma revolução sócio-cultural tão profunda, que não lhe encontraremos paralelo, nem em momentos tão determinantes, como o da invenção do papel, o Renascimento e / ou o Iluminismo.

Devemos sentir-nos afortunados, por nos ser dada a possibilidade de sentir agora, aquilo que não é mais do que o parto de algo que se tornará muito maior - tão maior, que mesmo as ideias mais arrojadas, no presente, se provarão subestimadoras, em breve!

Justificações?- Por exemplo, o papel foi uma tecnologia "catapulta", por ter representado (e representar) um excelente suporte de informação. O papel descentralizou o conhecimento dos centros geográficos em que apenas alguns podiam contactar pessoalmente com sábios; e foi um contributo decisivo para minimizar problemas, como o de "quem conta um conto, acrescenta um ponto".

O papel foi a memória da humanidade, até ao final deste século. As memórias representam uma classe de conhecimentos, ditos de a priori, e de importância muito maior, do que se julgava até recentemente...

Repare-se que o cérebro de uma pessoa dos nossos dias é biologicamente indistinguível do cérebro de um humano de há 3000, 4000 anos; todavia, a nossa civilização tem frutos científicos muito mais saborosos. Porquê? Seremos mais inteligentes? Não; a única diferença é que estamos a tirar proveito de uma quantidade de memórias, cada vez maior.

Vem isto a propósito de que a Internet, pode ser vista como um imensurável suporte de informação; isto é, como uma memória civilizacional que certamente facilitará a construção de conceitos mais elevados, a todos aqueles que souberem partir do que já está construído. Saber a História, mais do que servir para não se repetirem os erros do passado, é assim combustível para ir mais depressa, mais longe, com menos esforço, e com maior proveito.

Mas, se a minha visão da Internet se ficasse por aqui, não teria justificado a opinião que tenho, da sua importância, pois estamos exactamente ao nível da relevância do papel: (mero) suporte de informação.

O que a Internet debuta com muita força, é a total transparência na publicação (não confundir com autoria). Qualquer um, que saiba escrever, está em condições de transmitir as suas ideias; mas quem ira lê-las?

Se as ideias forem veiculadas em papel, poderão chegar a todos os que venham a ter acesso a esse papel, ou a uma cópia dele. Como o processo de produção do papel é dispendioso, publicar só está ao

alcance de quem está disposto a cobrir os custos e souber utilizar uma série de serviços, normalmente centralizados (fábricas, gráficas, e distribuidoras).

Se o veículo for a Internet, não são necessárias cópias: basta um original, sendo que a Rede representa a ligação do original a tudo e a todo o lado, por muitos caminhos possíveis. Por outras palavras, principalmente se pensarmos em economias de escala, a Internet tem um custo muito baixo, descentraliza em absoluto o serviço de publicação (havendo uma ligação à Rede, ser autor implica automaticamente poder ser publicador), e faz desaparecer os intermediários (clássicos) entre produtores e clientes, sempre que o bem seja comunicável pela tecnologia existente, o que, nos dias que correm, significa ser digitalizável.

As consequências do custo zero, da espera quase nula, e da simplificação dos processos entre interveniente, são boas e são más, consoante a perspectiva... Mas só podem ser boas, findo um período a que chamo "de transição"...

A realidade é que construímos um mundo em cima de pressupostos que vão deixar de ser válidos, muito depressa: a maior parte do dinheiro que circula, paga serviços intermédios... Mas o desaparecimento de alguns intermediários, fará nascer outros: por exemplo, se um dia deixarmos de ter necessidade de nos deslocarmos (fisicamente) até uma agência bancária, porque os serviços de que necessitamos podem ser obtidos remotamente, então, pelo meio, passará a ter existido quem providencia as comunicações e a tecnologia que viabilizam a interacção remota...

O problema dos intermediários parece-me então não de desaparecimento, mas de transformação / mutação / substituição; se a suspeita se confirma, só o tempo dirá, mas já temos muitos indicadores nesse sentido, como uma procura anormal de profissionais em tecnologias de informação (os novos middle-men, ou middle-persons, para evitar sexismos).

Em breve, tudo e todos estaremos na Internet. Provavelmente, todos geraremos conhecimento - todos publicaremos alguma Informação. Conhecimento gera conhecimento, pelo que todas as Ciências, sem excepção, conhecerão um progresso potencialmente exponencial. Tudo coisas boas e facilitadoras do quotidiano! Verdade? Sim e não; mas, mais uma vez, o "não" só se refere ao curto período de transição.

Em relação a esta matéria, o problema é o nosso desconforto com escolhas múltiplas. A natureza humana é tal, que não somos brilhantes em cenários complexos, em que a lógica matemática

profunda é mais relevante do que a superficialmente inferível. Estes comentários, e os seguintes, são válidos comparativamente a qualquer computador pessoal.

Por exemplo, Kasparov, não consegue expandir muitas das jogadas de Xadrez, possíveis a partir de um certo estado do tabuleiro; a chave do seu sucesso está numa memória prodigiosa, com milhares e milhares de jogos aprendidos, conferindo-lhe a aptidão de seleccionar, pela experiência, em que movimentos deverá investir as suas limitadas capacidades de previsão em profundidade.

Então como se explica que Kasparov tenha vencido o super-computador IBM Deep-Blue, por diversas vezes? Resposta: Kasparov venceu até ao dia em que o software de Xadrez do Deep-Blue passou, para lá da mera força numérica (expansão de estados possíveis), a investigar uma base de dados de desafios. Desde então que Kasparov não vence, o que volta a chamar a atenção para a relevância do conhecimento a priori.

Mas vem isto a propósito de que temos dificuldades, quando há muito por onde escolher. É por isso que as (únicas) revistas que se vendem, são revistas que comentam automóveis, electrodomésticos, serviços, destinos turísticos... enfim, publicações que ajudam a decidir. Mesmo publicações que, aparentemente, não servem para ajudar a decidir, servem - afinal - exactamente para isso. Um jornal diário e uma revista de divulgação científica são bons exemplos, uma vez que a atitude do leitor é a de fazer fé no que lê, o que corresponde a decidir aceitar aquela informação.

Regressando à publicação de conteúdos, repare-se que a existência de intermediários sempre funcionou como um filtro. Por exemplo, todas as editoras de livros em papel, têm pessoas a quem compete determinar que trabalhos deverão ser publicados... Ora, na Internet esses intermediários desaparecem e a consequência é que tem que ser o potencial consumidor da Informação a assumir a responsabilidade de seleccionar.

Em última análise a Internet, vista como o maior dos mercados, é a maior das confusões, porque todos estão a propôr bens e serviços, tornando muito difícil escolher (é essa dificuldade que garante a subsistência de algumas alternativas tangíveis / tradicionais). Claro que continuarão a existir publicações (principalmente electrónicas) para ajudar na decisão, mas o novo problema, é que essas publicações são tantas, que emerge um novo nível de necessidades, que é a de precisar-se de ajuda, para escolher quem nos vai ajudar. É esse o negócio da <http://Yahoo.com>, por exemplo. Como este parágrafo se refere ao presente temporal, e como o futuro será garantidamente muito mais rico, é evidente que precisaremos de meta-meta-ajudas: ajuda, para decidir quem nos vai ajudar a

escolher como obter ajuda, para um certo propósito. Confuso? Isto é somente o princípio.

Estou absolutamente convencido de que, ainda durante o meu período de vida, se tornarão corriqueiros os dispositivos tecnológicos para nos ajudarem a decidir e para evitarem a espiral de (meta)^n situações. Esses dispositivos serão implantes cerebrais e os mais necessários serão ao nível da capacidade memória.

Com muito mais facilidade do que hoje encontramos pessoas com tecnologia artificial implantada (parafusos nos ossos, pacemakers e válvulas mecânicas no coração, lentes de contacto nos olhos), parece-me óbvio que nos espera uma época em que teremos que expandir artificialmente o nosso órgão cérebro. E onde começou a motivação maior para tudo isto?- na Internet.

Artur Marques

<http://arturmarques.com>